



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

**ANAIS DA IV SEMANA ACADÊMICA DE MEDICINA
VETERINÁRIA DA UFSC – IV SAVUFSC**

Comissão Científica da IV SAVUFSC

Edna Fernanda Schmitz

Esdras Corrêa

Guilherme Carvalho Serena

Lorena Monteiro

Maria Laura Enzele

Thiago Resin Niero

CURITIBANOS, SC

2017



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



7

PREFÁCIO

A IV Semana Acadêmica de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina – IV SAVUFSC aconteceu nos dias 06, 07 e 08 de junho de 2017 no auditório da Universidade do Contestado (UnC). O público alvo do evento foi os alunos do curso de graduação em medicina Veterinária da UFSC. Como objetivo básico visou-se atualizar os participantes com os mais novos avanços técnicos e científicos e ressaltar a atuação do médico veterinário nos mais diversos campos de trabalho. Os principais temas abordados foram: reabilitação de animais selvagens, clínica médica de grandes animais, medicina preventiva e tratamento antineoplásico em pequenos animais; bem-estar-animal e etologia de animais de produção.

Os Anais da IV SAVUFSC, contidos neste Ebook, seguem as normas bibliográficas, com capa, sumário, páginas numeradas sequenciais, constituindo um livro de resumos eletrônico. A todos os que submeteram e revisaram os trabalhos, apoiaram e prestaram serviços ao evento gostaríamos de expressar nossos sinceros agradecimentos. Em especial, agradecemos os professores Álvaro Menin, Alexandre de Oliveira Tavela, Luiz Ernani Henkes, Marco Henrique Barreta, Sandra Arenhart e Rosane Silva pelo auxílio, como revisores, de todos os trabalhos submetidos. Dessa forma, presentecemos a todos os Anais da IV Semana Acadêmica de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina – IV SAVUFSC.

Comissão Científica IV SAVUFSC



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Abcesso intramuscular em equino da raça campeiro | 5 |
| Avaliação da resistência parasitaria de nematoides de ovinos ao uso de Albendazol 10% em propriedade da região Serrana de SC | 7 |
| Avaliação da resistência parasitaria em ovinos da raça Hampshire Down na cidade de Bom Jardim da Serra/SC | 9 |
| Avaliação espécies de larvas em cadáver de suíno no Planalto Catarinense | 10 |
| Casuística do laboratório de Doenças Parasitárias dos animais (LaDoPa) da Universidade Federal de Santa Catarina de 2015 e 2017 | 12 |
| Cerclagem associada à resina acrílica no tratamento de fratura maxilar edisjunção de sínfise mandibular em um felino | 13 |
| Corpo estranho linear em felino: Abordagem não convencional – Relato de Caso | 14 |
| Efeito da alimentação caseira temperada sobre parâmetros laboratoriais em cães | 16 |
| Hipersensibilidade à Culicídeos sp. Em equinos – Relato de Caso | 18 |
| Novos valores de referencias veterinários de índices plaquetários na microrregião de Curitibaanos | 19 |
| Obstrução de cólon menor por lipoma pedunculado em égua – Relato de Caso | 21 |
| Ocorrência de Actinobacilose (<i>Actinobacillus lignieresii</i>) na serra Catarinense – Relato de Caso | 22 |
| Ocorrência de helmintos gastrointestinais em ovinos no Planalto Catarinense | 23 |
| Ocorrência de helmintoses gastrointestinais em cães na região de Curitibaanos, Planalto Serrano catarinense. | 24 |
| Ocorrência de hemoparasitos em bovinos no Planalto Catarinense | 25 |
| Ocorrência de parasitos gastrointestinais de bovinos no Planalto Catarinense | 26 |
| Ocorrência de parasitos gastrointestinais em equinos no Planalto Catarinense | 27 |
| Ocorrência de protozooses gastrointestinais em cães na região de Curitibaanos, Planalto Serrano catarinense. | 28 |
| Prevalência das infecções por Diarreia Viral Bovina e Rinotraqueite Infecciosa Bovina em rebanhos leiteiros do oeste catarinense | 29 |
| Primeiro relato de <i>Felicola subrostratus</i> em felino no município de Curitibaanos/SC | 31 |
| Relato de caso protocolo de IATF em vacas de corte em propriedade no município de Curitibaanos | 32 |



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



4

| | |
|---|----|
| Sazonalidade do fornecimento anual de leite por produtores de diferentes escalas produtivas | 34 |
| Técnica de laminectomia dorsal no tratamento da Síndrome da cauda equina em um cão – Relato de Caso | 36 |
| Técnica reconstrutiva com a utilização de FLAP cutâneo da artéria epigástrica superficial caudal no tratamento cirúrgico | 37 |
| Tétano em equino – Relato de Caso | 38 |
| Transferência de embrião em bovinos – Relato de Caso | 39 |
| Uso do teste CMT na avaliação da prevalência de mastite subclínica em bovinos de propriedades leiteiras dos bairros várzea e rolim do município de Taquarituba - SP | 40 |
| Utilidade do retalho de avanço para reconstrução do defeito cirúrgico em um felino com carcinoma de células escamosas submetido ao tratamento cirúrgico | 41 |
| Utilização de enxerto corticoesponjoso como adjuvante no tratamento de não união de | 42 |



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



5

ABSCESSO INTRAMUSCULAR EM EQUINO DA RAÇA CAMPEIRO

Giuliano Moraes Figueiró¹, Marcos da Silva Azevedo¹, Giovana Trichez¹, Naomi Broetto¹, Samara Joana Zuelow¹ e Stefani Caroline Nascimento¹

¹Setor de Clínica, Cirurgia e Reprodução de Grandes Animais, Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Curitibanos, SC, Brasil. E-mail: stefani_caroliine@hotmail.com

A etiologia dos abscessos está relacionada à um trauma, onde os tecidos lesionados sofrem destruição em diferentes graus de intensidade com formação de pús (abscessos). Além desta, existe a origem piogênica, onde os micro-organismos contaminam os processos de origem traumática por via sanguínea ou linfática, ou são inoculados por objetos perfurantes e mordidas (RAISER, 1995). Foi atendido em aula, numa propriedade rural do município de Curitibanos – SC, um equino de cor castanha, macho, 1 mês de idade, pesando 90kg, da raça Campeiro. A proprietária relatou que o animal havia caído de um barranco e passou a não apoiar o membro pélvico esquerdo (claudicação grau 4), com um inchaço na região da coxa. Além disso, já havia sido iniciado o tratamento com flunixin-meglumine (Desflan), na dose de 1,1mg/Kg IM e após este iniciou-se o tratamento com meloxicam (Maxicam 2%) na dose de 0,6mg/Kg IM, ambos durante 5 dias. No membro claudicante à palpação suspeitou-se de fratura no fêmur, sem confirmação diagnóstica. Observou-se que o edema relatado era oriundo de um abscesso intramuscular na região do músculo semimembranoso com tamanho aproximado de 10x7cm. Foi realizada a antissepsia do local e a drenagem do abscesso por meio da introdução de uma sonda, seguida de lavagem com solução de permanganato de potássio 2% alternando com água oxigenada. Após isso, foi tratado como ferida aberta, com limpeza periódica com solução de permanganato de potássio 2% e administração de antibióticos Penicilina+Gentamicina na dose de 22.000 UI / kg via IM por 9 dias. As aplicações realizadas de modo incorreto podem acarretar em complicações e lesões, essas falhas ocorrem devido à falta de conhecimento profissional (aplicação por leigos), características da medicação ou mesmo fatores relacionados ao próprio paciente (PUSCHMANN; OHNESORGE, 2015). Desta forma, a provável causa do abscesso intramuscular seria a falta de antissepsia, permitindo a entrada de microorganismos e não sendo relacionada com a possível fratura de fêmur, pois a fratura encontrava-se na região do acetábulo e cabeça femoral, já o abscesso encontrava-se no músculo semimembranoso. Puschmann e Ohnesorge (2015) também ressaltam que a antissepsia do local de aplicação juntamente com os cuidados de higiene do veterinário e seus materiais são essenciais para evitar as complicações das injeções intramusculares. No entanto, existem inúmeras outras etiologias dessas complicações, como, características farmacológicas dos medicamentos (pH, concentração, osmolaridade efetiva), volume e velocidade de aplicação, potencial



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



6

de irritação tecidual, entre outras. Sendo que as principais complicações são edema, celulite e abscessos. A mionecrose causada por clostrídios tem menor prevalência, no entanto ganha destaque por ter curso clínico grave e alta taxa de mortalidade. Há necessidade de mais estudos e fica a responsabilidade sobre o médico veterinário de decidir a medicação e via de administração a ser usada.



IV SAVUFSC
07, 08 e 09 de junho de 2017



7

**AVALIAÇÃO DA RESISTÊNCIA PARASITÁRIA DE NEMATÓIDES DE OVINOS AO USO
DE ALBENDAZOL 10% EM PROPRIEDADE DA REGIÃO SERRANA DE SANTA
CATARINA**

Guilherme Carvalho Serena¹ (Guilherme.serena@gmail.com); Amanda Bloemer Wruck¹; Danielli Zamboni¹; Gabriela Fernanda Dellling¹; Paula Priscila Medeiros dos Santos¹; Taina Kaminski¹.

Alexandre de Oliveira Tavela²

¹ Alunos do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus de Curitibanos. ² Professor da Universidade Federal de Santa Catarina

O controle de nematoides gastrointestinais é um dos principais desafios da ovinocultura moderna. O *Haemonchus contortus* é o principal tricostongilídeo de ovinos, tendo como sítio de predileção o abomaso, gerando intensas perdas econômicas e alta mortalidade pelo intenso repasto sanguíneo. Em alta carga parasitária, o parasitismo por *H. contortus* pode levar o animal à anemia hemorrágica aguda, sendo a resistência parasitaria uma das maiores dificuldades encontradas no controle destes parasitos. Resistência parasitaria é definida pela redução da eficácia de um medicamento para eliminar a carga parasitaria de um hospedeiro em comparação com resultados pretéritos. Pode se instalar numa propriedade por aumento da pressão de seleção, devido à aplicações sucessivas ou indiscriminadas de anti-helmínticos ou repetição de uma mesma base medicamentosa por muito tempo. Objetivou-se com o presente trabalho verificar a ocorrência de resistência parasitária de *H. contortus* a Albendazol 10% em uma propriedade produtora de ovinos no Planalto Catarinense. Foram realizadas duas coletas de fezes diretamente da ampola retal de 20 ovinos adultos, fêmeas, mantidos em piquetes de vegetação nativa. A primeira coleta ocorreu horas antes da aplicação de Albendazol 10% na dose de 5 mg/Kg. Sete dias após o tratamento foi realizada a segunda coleta. As amostras de fezes foram analisadas no Laboratório de Doenças Parasitárias dos Animais da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi aplicado, para contagem de ovos de nematoides presentes nas fezes dos animais, antes e depois do tratamento, o método Gordon e Whitlock modificado (OPG). Para a avaliação da eficácia do vermífugo foi utilizada a fórmula:

$$\%Eficácia \left(\frac{\text{médiaOPG}(\text{antes do tratamento}) - \text{médiaOPG}(\text{após o tratamento})}{\text{médiaOPG}(\text{antes do tratamento})} \right) \times 100$$

Constatou-se na coleta prévia ao tratamento média de 865 OPG por animal, sendo algumas amostras atingindo valores superiores a 4000 OPG. Na segunda coleta, foi observado média de 195 OPG por animal. O índice de eficácia aferido foi de 77,46%, sendo categorizado como um vermífugo pouco eficiente, uma vez que o nível de eficácia preconizado deve ser maior ou igual a 95%. Os valores



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



8

encontrados indicam resistência parasitária ao Albendazol a 10% na propriedade avaliada, sendo necessário rever as práticas de vermifugação e manejo utilizadas, buscando evitar o uso em curtos intervalos de tempo e preconizando um manejo preventivo e não curativo. Perante o relatado evidencia-se a necessidade de acompanhamento dos resultados do manejo parasitário na propriedade visando reduzir gastos com bases ineficientes e identificado gargalos na produção, já que as perdas parasitárias ocorrem principalmente pela redução do ganho de peso, tendo um impacto contínuo sobre a lucratividade da propriedade.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



9

AVALIAÇÃO DE RESISTÊNCIA PARASITÁRIA EM OVINOS DA RAÇA HAMPSHIRE DOWN NA CIDADE DE BOM JARDIM DA SERRA/SC.

¹ Leonardo Martins Reitz*,

Orientador: Prof. Rodrigo Bainy Leal rbleal@gmail.com

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Curitibanos.

*E-mail: le.espinilho@gmail.com

As parasitoses gastrointestinais têm sido reconhecidas como um fator limitante na produção de ovinos. Apesar da disponibilidade de uma variedade de vermífugos para tratamento dos animais, observa-se a presença de resistência, especialmente no gênero *Haemonchus* spp, frente aos tratamentos. Nesse sentido, cuidados no manejo e a identificação de resistências dentro das propriedades são fundamentais para prevenção e controle das parasitoses e para uma produção ovina eficiente. Dentro deste contexto o presente estudo teve por objetivo identificar resistência parasitária em ovinos em uma propriedade localizada em Bom Jardim da Serra/SC, Brasil. Ovelhas da raça hampshire down adultas foram divididas em três grupos: sem tratamento (controle; n= 5), tratados com levamisol 10 mg/kg (s.c.; n= 6), tratados com closantel 10 mg/kg (v.o.) juntamente com moxidectina 0,2mg/Kg (s.c.; n= 5). Os animais foram submetidos ao exame de contagem de ovos por grama de fezes (OPG), antes dos tratamentos (dia 0) e 15 dias após os tratamentos (dia 15). Os resultados mostraram que o tratamento com levamisol reduziu o OPG em 85,47%, enquanto o tratamento com closantel+moxidectina reduziu em 76,74% este parâmetro em relação ao grupo controle. Apesar da redução no OPG pelos tratamentos, nossos resultados apontam a existência de resistência tanto ao levamisol (15%) como a associação Clos+Mox (23%). Em conjunto nosso estudo indica a ocorrência de resistência parasitária frente às moléculas empregadas. Além disso, demonstra a necessidade de testes sistemáticos de OPG para estabelecer tratamentos e manejo mais adequados para minimizar o desenvolvimento de cepas resistentes.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



10

AVALIAÇÃO ESPÉCIES DE LARVAS EM CADÁVER DE SUÍNO NO PLANALTO CATARINENSE

Cesar A. Marchioro¹; Carolina Mondini²; Gabriela Piovesan Zanin²; Guilherme Carvalho Serena²; Joyce Helena Bitencourt²; Morgana de Liz Seula²; Taciane Seringhelli².

¹ Professor da Universidade Federal de Santa Catarina; ² Alunos do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus de Curitibanos.

Entomologia Forense é a ciência que aplica os conhecimentos sobre insetos e artrópodes em investigações criminais, distendendo contribuição nos procedimentos legais. Visa avaliar o tempo de decomposição de uma carcaça baseada nos insetos que visitam o cadáver de acordo com o tempo, analisando as condições físicas e químicas da mesma e o tempo de degradação da matéria, auxiliando no meio judicial. Esse estudo se fez válido, devido à falta de dados sobre o mesmo na Região de Curitibanos – SC e objetivou identificar as principais espécies de larvas que se proliferam no cadáver. Foram utilizadas duas estruturas compostas de madeira e metal (gaiolas), uma disposta na sombra e outra no sol, para acondicionamento das carcaças suínas, sendo as mesmas oriundas de morte natural ou eutanásia, sendo avaliada a presença de larvas nos diferentes estágios de decomposição. As colheitas de dados e de larvas foram realizadas diariamente, em horário padrão, para que não houvesse influência nos dados. Era coletada uma quantidade fixa de larvas, 15, com auxílio de um recipiente com álcool, para que fosse possível a insensibilização das mesmas e posteriormente a apreensão em recipientes fechados. Em seguida as amostras foram enviadas ao laboratório para conservação e posteriores análises com chave dicotômica de Florez. De acordo com as amostras colhidas foi possível concluir que a quantidade de larvas habitando os cadáveres aumenta com o tempo e conforme a temperatura, tendo um declive no período final de decomposição. O primeiro registro do encontro de larvas ocorreu no quinto dia tanto na gaiola exposta ao sol quanto na sombra. Na gaiola exposta ao sol foram identificadas pupas, estágio de desenvolvimento avançado da larva, no decimo oitavo dia após o início da análise, na gaiola exposta na sombra não foi observada a formação de pupas. A presença de larvas foi identificada nos até o final dos 31 dias de experimento para os dois tratamentos. A espécie mais prevalente foi *Chrysomia albiceps*, perfazendo em quase a totalidade das larvas identificadas, de forma secundária foram identificadas do gênero *Calliphora*, *Conpsomyiops* e *Lucilia*. Quando a carcaça está totalmente decomposta só podem ser visualizadas larvas de dípteros com desenvolvimento incompleto, pela de falta de substrato, iniciando a dispersão larval para o ambiente. Percebe-se a predominância de larvas do gênero *Chrysomia*, e da existência de um tempo mínimo necessário para a eclosão de ovos postos por moscas adultas e da necessidade calor para desenvolvimento



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



de estádios mais maduros. Carece-se do desenvolvimento de estudos aprofundados para aplicação forense dessas análises.

11



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



12

CASUÍSTICA DO LABORATÓRIO DE DOENÇAS PARASITÁRIAS DOS ANIMAIS (LADOPA) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA DE 2015 A 2017

Diego Duarte Varela^{1*}; Mayara Vavassori¹; Bruna Tizoni Guedine¹; Alexandre de Oliveira Tavela¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina – Campus de Curitibanos

*E-mail: diego.duarte.varela@grad.ufsc.br

As doenças parasitárias ocorrem em animais domésticos, de produção, fauna silvestre e selvagem, correspondendo a um vasto campo de estudo na Medicina Veterinária. Vários métodos podem ser utilizados para análises de diferentes materiais biológicos amostrados, sendo que a incidência de acometimento dos animais pode variar conforme a região, características de criação, clima, espécies ou faixas etárias estudadas. O Laboratório de Doenças Parasitárias (LaDoPA-UFSC) realizou, entre março de 2015 e março de 2017, 1882 análises, distribuídas em exames de Sedimentação (SED), Coprocultura (COP), Baermann (BAE), Baermann de Pasto (BAP), Esfregaço Sanguíneo Corado (ESC), Flutuação (FLU), Ovos por Grama de Fezes (OPG), Identificação de Endoparasitos (IDI), Identificação de Ectoparasitos (IDO), Raspados de Pele (RAP), Esfregaço de Fezes Corado (EFC) e classificação de anemia através da utilização do método FAMACHA[©]. Estes são realizados a partir de amostras provenientes dos setores: ensino (aulas das disciplinas de Semiologia, Clínicas, Doenças Parasitárias e Patologia); projetos de pesquisa e extensão; e externo (alunos, produtores e clínicas da região). A partir das análises dos dados, constatou-se que o setor de ensino é responsável pela maior parte das amostras analisadas (98,37%). Quanto às espécies avaliadas, bovinos, cães, ovinos, equinos, gatos, silvestres corresponderam, respectivamente a 39,89%, 33,79%, 19,54%, 5,16%, 1,22% e 0,41%. Quanto à frequência destacaram-se os de SED (26,09%), OPG (23,59%), COP (16,47%) e FLU (9,78%), em decorrência do fato das amostras passarem por um protocolo de análise padronizado. Dentre os gêneros de parasitas encontrados, os mais prevalentes foram *Haemonchus* spp. (13,06%), Coccídeos (12,70%), *Toxocara* spp. (9,87%), *Trichostrongylus* spp. (8,20%) e *Ancylostoma* spp. (7,91%). Conclui-se que o LaDoPA atendeu a uma variada gama de solicitações de análises com rotinas simples e padronizadas para diferentes amostras e material biológico oriundos de espécimes domésticos e silvestres. Além disso, o laboratório tem funcionado como elo de ligação entre ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para a formação dos alunos envolvidos e para o desenvolvimento institucional e regional.



IV SAVUFSC
07, 08 e 09 de junho de 2017



**CERCLAGEM ASSOCIADA À RESINA ACRÍLICA NO TRATAMENTO DE FRATURA
MAXILAR EDISJUNÇÃO DE SÍNFISE MANDIBULAR EM UM FELINO**

Ana Claudia Bireahls¹, Lorena Monteiro Florenço¹, Camile Peretti¹, Luiz Caian Stolf²

¹Acadêmicos do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus de Curitibanos (e-mail: bireahls.ana@gmail.com)

² Professor de Clínica Cirúrgica na Universidade Federal de Santa Catarina

Fraturas de mandíbula e maxila são comuns em cães e gatos, correspondendo a cerca de 3 a 6% de todas as fraturas. Os sinais clínicos mais observados são dor, inchaço e sangramento oral, alteração no contorno facial, má oclusão dentária, mobilidade e crepitação óssea. O diagnóstico se baseia em anamnese, exame físico e imagens radiográficas. O principal objetivo cirúrgico é obter uma redução anatômica precisa, permitindo a mobilidade temporo-mandibular e a oclusão apropriada. Uma das técnicas cirúrgicas mais utilizadas é a cerclagem com fio de aço, que reduz a fratura por evitar o deslocamento ósseo. A resina acrílica é outro método amplamente utilizado, principalmente em fraturas mandibulares e maxilares que tenham elementos dentais sem mobilidade para a ancoragem da mesma. Por se tratar de uma afecção oral comum em cães e gatos, o objetivo deste trabalho é relatar o uso de fio de cerclagem associada à resina acrílica como tratamento da disjunção de sínfise mandibular e fratura maxilar em um felino. Foi recebido para atendimento clínico em uma Clínica Veterinária um felino, SRD, 1 ano e 8 meses, com histórico de atropelamento, com lesão em região de face, apresentando disjunção de sínfise mandibular e fratura de maxila esquerda, com conseqüente fratura do palato duro. Realizou-se cerclagem com fio de aço entre os caninos inferiores e superiores, associado à resina de polimetilmetacrilato na região superior e sutura do palato mole com fio poliglactina. Procedeu-se a retirada dos implantes 30 dias após a cirurgia, que apresentou bons resultados, pois houve boa oclusão da fratura, corroborando com FOSSUM (2008), que declara que o prognóstico para a consolidação de fraturas orais é favorável, desde que se obedeça às técnicas apropriadas de tratamento. A utilização da técnica de cerclagem associada à resina acrílica na redução da disjunção de sínfise mandibular e da fratura de maxila proporcionou boa estabilidade óssea, com bons resultados.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



CORPO ESTRANHO LINEAR EM FELINO: ABORDAGEM NÃO CONVENCIONAL – RELATO DE CASO

14

Simas, T.M^{1.}; Fermo, J.L^{1.}; Silveira, L.M.C^{2.}; Arenhart, S^{3.}

¹Acadêmica do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Curitibaanos, SC; ²Médica Veterinária, Consultório Veterinário Dapatinha, Florianópolis, SC;

³Laboratório de Virologia, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Curitibaanos, SC;

E-mail: tatiana.msimas@gmail.com

São considerados corpos estranhos gastrointestinais quaisquer objetos ingeridos pelo animal que não são absorvidos ou são digeridos vagarosamente. Inúmeros objetos podem apresentar forma linear, tais como linhas, fios, tecidos dentre outros. O corpo estranho fica retido em algum ponto do trato digestório e por movimentos peristálticos é conduzido caudalmente levando a formação de um aspecto plissado nas alças intestinais. Os sinais clínicos são variáveis, os animais podem apresentar vômito, hematêmese, hematoquesia, tenesmo, constipação, anorexia, perda de peso, dor e distensão abdominal. No presente relato, descreve-se um caso de ingestão de corpo estranho linear (CL) em um gato, manejado com sucesso utilizando uma abordagem não convencional. No dia 02/02 foi atendido no Consultório Veterinário Dapatinha, um gato macho, sem raça definida, com um ano e meio de idade e 2,3 kg. O animal apresentava um quadro de vômito persistente, anorexia, desidratação, oligodipsia e aquesia a oito dias. Ao exame físico do animal evidenciou-se depressão, vocalizações e um visível desconforto abdominal. Após o exame clínico, a suspeita foi de presença de CL e foram então solicitados os exames complementares: ultrassonografia abdominal, hemograma completo e bioquímica sérica. No hemograma foi observada discreta anemia e no bioquímico foi evidenciado aumento moderado dos níveis de ureia e creatinina. O paciente foi submetido à fluidoterapia com soro fisiológico até o reestabelecimento dos níveis normais. Na ultrassonografia abdominal foi detectada presença de CL, localizado a partir do estômago até o cólon com plissamento das alças intestinais. Pelas características do objeto visualizado no exame, confirmou-se a suspeita clínica. A recomendação nestes casos é a remoção cirúrgica do CL, porém, após reavaliação do animal, descartou-se a utilização da mesma visto que o prognóstico era desfavorável. A proprietária optou pela abordagem conservadora, na qual consiste no monitoramento do do paciente até que o objeto seja eliminado de forma espontânea, contudo, houve progressão do quadro clínico e o animal apresentou-se extremamente debilitado. Foi então sugerida a tentativa de retirada do CL via endoscópio. Segundo Hall (2004), pode-se tentar retirar o objeto estranho por meio da endoscopia, se ele estiver fixado por um intervalo menor que dois a três dias. O paciente havia ingerido o CL há cerca de três semanas, mesmo assim foi realizada a retirada via endoscópio no dia 24/02 pela gravidade da situação e esgotamento das



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



opções. O animal foi induzido com isoflurano, e iniciado o procedimento constatou-se que o objeto estava retido no piloro, foi utilizada pinça de biópsia e realizada a primeira tentativa de retirada, parte da linha se desprende e foi extraída, na segunda tentativa o mesmo ocorreu, portanto aproximadamente apenas metade do CL foi removido. Optou-se por acompanhar o deslocamento do CL junto ao bolo fecal. Instituiu-se antibioticoterapia utilizando-se enrofloxacino 2,5mg/kg SID por 5 dias e indicação de comida pastosa embebida em azeite de oliva para que os fios fossem expelidos mais facilmente. Em aproximadamente dois dias o gato eliminou o restante dos fios e recuperou-se completamente. O caso em questão coloca a abordagem não convencional de retirada de CL por endoscopia fora do prazo recomendado como uma possibilidade viável de tratamento de CL gástrico em gatos.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



EFEITO DA ALIMENTAÇÃO CASEIRA TEMPERADA SOBRE PARÂMETROS LABORATORIAIS EM CÃES

Jaciana Luzia Fermo – UFSC – jacianafermo@gmail.com; Stefani Caroline Nascimento – UFSC;
Carolina Mondini - UFSC; Carolina Milak – UFSC; Angela Patricia MedeirosVeiga – UFSC

Corpúsculos de Heinz são produzidos nos eritrócitos de cães e gatos devido à oxidação do grupamento sulfidril da molécula de hemoglobina, convertendo-a a metemoglobina, devido agentes oxidantes como alho e cebola. Este corpúsculo fica intimamente associado à membrana eritrocitária interna, causando fragilidade e rompimento da célula o que leva a anemia hemolítica. Dentre as alterações encontradas, citam-se a diminuição na contagem eritrocitária, dosagem de hemoglobina e percentagem do hematócrito, aparecimento de corpúsculos de Heinz, aumento na contagem de reticulócitos e na dosagem de urobilinogênio, aumento de VCM, contagem de plaquetas, bilirrubina, redução no CHCM. Na tentativa de estimular o consumo de ração comercial na alimentação de cães, melhorando sua saúde, este projeto tem como objetivo avaliar a influência da alimentação caseira temperada com alho e cebola no desenvolvimento de anemia hemolítica por corpúsculos de Heinz em cães da região de Curitiba. Foram utilizados 20 cães, sendo 10 do grupo controle, que se alimentavam exclusivamente de ração, e 10 do grupo teste que se alimentavam exclusivamente de comida caseira temperada com alho e cebola. Os animais passaram por exame clínico e coleta de amostra de sangue e de urina para realização dos seguintes exames: hemograma através de analisador automatizado veterinário; Avaliação da morfologia eritrocitária por microscopia óptica, mediante confecção de esfregaço sanguíneo corado com panótico rápido e Wright-Giemsa e contagem de reticulócitos e corpúsculos de Heinz mediante coloração com azul cresil brilhante; Quantificação de proteínas plasmáticas totais (PPT) por refratometria. A urina foi analisada quimicamente através da tira reativa urinária e a densidade urinária por refratometria. Os resultados foram submetidos ao programa R, mediante aplicação de análise de variância e teste T, considerando-se uma significância de 5%. Houve diferença estatística ($p < 0,05$) no valor de hematócrito (HT), hemoglobina, CHCM, VCM e eosinófilos entre o grupo controle e grupo teste. A média de HT do grupo controle foi de 56,57% e do grupo teste foi de 49,75%, enquanto a média de hemoglobina do grupo controle foi de 18,77 g/dL, a do grupo teste foi de 15,73 g/dL e a média de CHCM do grupo controle foi de 33,2% enquanto que do grupo teste foi de 31,46%. A diminuição destes valores no grupo teste é esperada, já que a oxidação da hemoglobina leva à lise de eritrócitos. A média do grupo controle de VCM foi de 79,4fL, e do grupo teste foi de 74,3fL, esperava-se um valor maior para o grupo teste do que para o grupo controle. O valor baixo encontrado possivelmente esteja relacionado à presença de parasitismo, que leva a uma deficiência de ferro, condizendo com os resultados do leucograma. O valor médio de eosinófilos do grupo controle foi



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



de 932,2/uL de sangue e do grupo teste foi de 1810,1/uL de sangue, que pode estar associado ao fato de os cães do grupo teste viverem em sítios e são mais predispostos a parasitoses e pouco acesso a serviço veterinário. Por se tratar de um estudo realizado em condições naturais de ingestão de alho e cebola, sem controle de dose, peso e tempo de exposição, os resultados são diferentes dos encontrados em estudos experimentais. Além disso, o tamanho da amostra pode não estar refletindo a realidade da população de cães. A ingestão de alimento caseiro temperado com alho e cebola causa alterações hematológicas nos cães, devendo ser minimizada. A inclusão de mais animais ao estudo possivelmente possa levar a achados de um maior número de anormalidades hematológicas, bioquímicas e urinárias nesta espécie.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



HIPERSENSIBILIDADE À *CULICOIDES SP.* EM EQUINOS: RELATO DE CASO

18

Juliano Teske^{1*}; Marian Bridi Weis¹; Giuliano Moraes Figueiró²; Marcos da Silva Azevedo²

¹Acadêmico de Medicina Veterinária da UFSC. ²Professor de Clínica de Grandes animais da UFSC.
E-mail: julianoteske@hotmail.com.br

A hipersensibilidade a picada de insetos é uma das dermatites que levam a prurido, mais comum de equinos, também é chamada de dermatite alérgica sazonal em equinos, prurido de “Queensland”, prurido “Doce”. Seu aparecimento está relacionada aos mosquitos *Culicoides*, que introduzem no animal a saliva com antígenos que desencadeiam uma reação inflamatória levando a um forte prurido. Inicialmente formam-se pápulas, que posteriormente em função dos traumas provocados devido ao prurido, evoluem para áreas de edema, alopecia e escoriações na pele, levando à oportunidade para infecções secundárias. Os locais de predileção para o aparecimento dessas lesões são a cabeça, as orelhas, o pescoço, a crina e base da cauda. O diagnóstico é baseado no histórico clínico, com relatos de prurido intenso e nos achados do exame físico, além de exame complementar para confirmação. Durante a aula de clínica médica de grandes animais II foi atendido um equino fêmea da raça crioula com 4 anos de idade apresentando prurido intenso a três meses, com regiões alopecicas e com crostas na região da cabeça, orelhas, pescoço, crina, base da cauda e membros. O animal era mantido solto na pastagem e não apresentava histórico de vacinação e vermifugação. A fim de confirmar a suspeita clínica, foi realizado uma biopsia de pele para análise histopatológica. A suspeita clínica de hipersensibilidade a picada de insetos (*Culicoides*) foi confirmada pela histopatologia, a qual demonstrou dermatite eosinofílica difusa moderada associada à fibrose dérmica na pele. As formas de tratamentos descritas na literatura têm como foco evitar que o animal entre em contato com o agente causador, proteger as baias com telas nas janelas, utilizar repelentes e associar glicocorticoides, quando necessário, para controlar as crises de prurido. O objetivo deste trabalho foi relatar um caso de uma enfermidade relativamente comum, mas dar ênfase na importância de um diagnóstico correto e assim fornecer ao proprietário as informações e condições necessárias para prevenção, controle e tratamento desta enfermidade.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



NOVOS VALORES DE REFERÊNCIA VETERINÁRIOS DE ÍNDICES PLAQUETÁRIOS NA MICRORREGIÃO DE CURITIBANOS

19

Maurício Eduardo Mezaroba^{1*}; Julia Thomé¹; Lorena Rodrigues Ramos Peres¹; Gabriela Rodrigues¹;
Angela Patricia Medeiros Veiga².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Curitibanos (CEDUP – Av. Adv. Sebastião Calomeno, s/n, Centro. Curitibanos - SC).

² Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Curitibanos (CEDUP – Av. Adv. Sebastião Calomeno, s/n, Centro. Curitibanos - SC) - orientadora.

E-mail: eu_mezaroba@hotmail.com

A incrementação da tecnologia na patologia clínica veterinária oferece a possibilidade de novas avaliações para auxiliar no diagnóstico clínico. A automação da hematologia permitiu uma facilidade na avaliação de parâmetros sanguíneos que ainda não foram padronizados na medicina veterinária, como os índices plaquetários. Tais índices são marcadores potencialmente úteis para o diagnóstico precoce de doenças da homeostasia. Exceto a contagem de plaquetas (PLT), os outros índices, como volume plaquetário médio (MPV), amplitude de distribuição plaquetária (PDW) e o plaquetócrito (PCT), são índices hematimétricos que ainda não possuem valores de referência para a região sul do Brasil. Objetivou-se nesse estudo elaborar os valores de referência desses índices baseado na casuística do Laboratório Clínico Veterinário (LaClin) da Universidade Federal de Santa Catarina para a microrregião de Curitibanos. Avaliaram-se os novos índices plaquetários MPV, PDW e PCT de 65 caninos (30 machos e 35 fêmeas), 15 equinos (5 fêmeas e 10 machos) e 20 felinos (7 machos e 13 fêmeas) saudáveis, atendidos no período de junho de 2015 até março de 2017 no setor de Clínica Veterinária da UFSC, na microrregião de Curitibanos, Santa Catarina. Realizou-se a colheita de sangue venoso em tubos com anticoagulante (ácido etileno diaminotetracético [EDTA] a 10%) para realização do hemograma em analisador hematológico automático veterinário (BC 2800 Vet[®]). O valor de referência para MPV e PDW foi elaborado de acordo com a média dos valores obtidos dos animais avaliados ± 2 desvios-padrão, e, para PCT utilizou-se ± 1 DP. Os valores de referência propostos para caninos de MPV (9,15; 7,37 – 10,93), PDW (16; 15,3 – 16,7) e PCT (0,32; 0,20 – 0,44) não corresponderam aos valores propostos para a região norte do Brasil, possivelmente devido às diferenças no ambiente em que os animais vivem. Para os felinos, os valores de referência obtidos de MPV (10,27; 8,84 – 11,7), PDW (16,16; 14,89 – 17,43) e PCT (0,25; 0,11 – 0,39) e para os equinos, os valores de referência de MPV (5,84; 4,9 – 6,7), PDW (16,4; 15,6 – 17,2) e PCT (0,094; 0,07 – 0,12) não possuem bibliografia publicada para comparação. A determinação dos valores de referência do trombograma para a microrregião de Curitibanos possibilita uma melhora no diagnóstico



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



clínico. Além disso, os valores de referência encontrados no presente estudo não condizem com outros estudos ou nunca foram investigados anteriormente.

20



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



OBSTRUÇÃO DE CÓLON MENOR POR LIPOMA PEDUNCULADO EM ÉGUA: RELATO DE CASO

Lucas José Martins¹, Juliano Teske¹, Lorena Maria Monteiro Florenço¹, Marcos da Silva Azevedo², Luiz Hernani Henkes², Giuliano Moraes Figueiró². (e-mail: lucasjmrt@gmail.com)

¹ Acadêmicos do Curso de Medicina Veterinária da UFSC. ² Professores – UFSC.

Cólica eqüina ou síndrome abdominal aguda, continua sendo a principal causa de mortalidade no cavalo, por isso, é de fundamental importância estabelecer se, se trata de uma condição potencialmente fatal que requer cirurgia como a única alternativa de tratamento ou se ela pode ser resolvida com medicação. O lipoma estrangulante é causa de estrangulamento e obstrução intestinal em cavalos mais velhos. Se trata de um tumor benigno pedunculado de gordura, que se desenvolve entre as folhas do mesentério e são os tumores das partes moles mais frequentes nos adultos, independente do sexo. É uma massa bem encapsulada que avança conforme a idade do cavalo e a haste pode embrulhar o intestino delgado ou cólon menor causando estrangulamento e corte do aporte sanguíneo. Foi atendida pelo Dr Giuliano Figueiró, professor da UFSC, na cidade de Curitibanos–SC, uma égua, com cerca de 30 anos. Na anamnese, o proprietário alegou que o animal estava apático, permanecendo deitado ou rolando no pasto, sinais característicos de cólica, os quais já se mantinham por 12 horas. O mesmo à medicou com flunixin meglumine, sem resposta. Ao exame físico, o animal apresentava distensão gástrica, taquicardia e taquipnéia, sendo 60 mrm e 80 bpm. TPC 3, não aparentando desidratação. Na palpação retal não apresentava fezes nem acúmulo de muco, com uma alteração na altura do cólon menor. O animal apresentava motilidade intestinal nos quatro quadrantes, porém no quadrante dorsal esquerdo estava reduzido, apresentando apenas uma cruz (+). A sondagem nasogástrica foi feita, só havendo refluxo de gás. A indicação inicial do veterinário foi encaminhar para local com bloco cirúrgico para realização de uma laparotomia exploratória, tal possibilidade revogada pelo proprietário pelo baixo valor do animal. Diante do grave quadro clínico do animal, foi indicada a eutanásia, a qual o proprietário também não concordou. O tratamento paliativo foi estabelecido com flunixin meglumine e Cloridrato de Xilazina, O tratamento não surtiu grandes efeitos, vindo o animal à óbito no dia seguinte. Na necropsia as únicas alterações macroscópicas eram no cólon menor, o qual se apresentava congesto, com uma estrutura arredondada e amarelada, que circundava o órgão. A solução para o problema é simples, sendo a excisão do lipoma nas áreas afetadas. A experiência clínica sugere que a taxa de sobrevivência dos animais com lipoma estrangulante é baixa apesar do tratamento cirúrgico.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



OCORRÊNCIA DE ACTINOBACILOSE (*ACTINOBACILLUS LIGNIERESII*) NA SERRA CATARINENSE – RELATO DE CASO

Samara Joana Zuelow¹, Gabriela Dick¹, Giuliano Moraes Figueiró¹, Marcos da Silva Azevedo¹

¹Setor de Clínica, Cirurgia e Reprodução de Grandes Animais, Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Curitibanos, SC, Brasil.

E-mail: samara.zuelow@gmail.com

A actinobacilose é uma doença de distribuição mundial que se apresenta de forma esporádica afetando principalmente os tecidos moles e a cadeia linfática da cabeça dos bovinos. Caracteriza-se por ser uma doença infecciosa, não contagiosa, geralmente crônica, causada por *Actinobacillus lignieresii*, cocobacilo gram-negativo, comensal do trato digestório dos bovinos. A bactéria penetra nos tecidos moles através de traumatismos na cavidade oral, causando um abscesso granulomatoso ou piogranulomatoso. Foi atendido em aula, numa propriedade rural do município de Curitibanos – SC, um bovino mestiço, fêmea, de aproximadamente 400 Kg e 3 anos de idade com queixa principal de emagrecimento progressivo (aproximadamente 40 Kg nos últimos meses), sendo que os outros animais do lote estavam ganhando peso. No exame físico observou-se edema submandibular, sialorréia, glossite difusa, enrijecida e com lesões circulares amareladas, elevadas e granulomatosas por toda a sua superfície. Procedeu-se o tratamento com oxitetraciclina na dose de 20mg/kg via intramuscular, durante 7 dias com intervalo de 3 dias entre aplicações. Segundo Eddy (2008) na actinobacilose, a língua é o órgão mais afetado, ficando dura ao toque e apresentando lesões redondas e amarelas, levando a quadros de salivação excessiva, dificuldade de mastigação, menor consumo alimentar e, assim, emagrecimento progressivo, podendo ser observado ainda tumefação submandibular considerável. Essa afirmação, associada aos achados clínicos no animal atendido, reforçam que realmente se tratava de um caso de actinobacilose ou “língua de pau” como a doença é popularmente conhecida. O animal apresentou melhora ao tratamento sem efeitos adversos, diferentemente do tratamento recomendado pela maioria da literatura, onde preconiza-se o uso de iodeto de sódio intravenoso ou sulfonamidas, estreptomicina ou penicilina. Um estudo realizado por Barros et al (2014) evidenciou a baixa prevalência da actinobacilose no país, apesar disso não deve ser excluída a possibilidade dessa doença ocorrer em animais do rebanho, levando em consideração que o agente é comensal do trato digestório e uma pequena lesão pode levar ao quadro clínico. Além disso, conforme citado por Radostits et al, 2007 evidencia-se a importância da actinobacilose como diagnóstico diferencial de algumas doenças de caráter zoonótico, como raiva e tuberculose.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



OCORRÊNCIA DE HELMINTOSES GASTRINTESTINAIS EM OVINOS NO PLANALTO CATARINENSE

Diego Duarte Varela^{1*}; Mayara Vavassori¹; Bruna Tizoni Guedine¹; Alexandre de Oliveira Tavela¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina – Campus de Curitibanos

*E-mail: diego.duarte.varela@grad.ufsc.br

A ovinocultura no Planalto Catarinense é uma atividade em constante intensificação através do uso de técnicas de manejo, genética de qualidade e sanidade animal, abrangendo os mercados de carne, leite, lã e couro, ainda enfrenta problemas no mercado brasileiro, tais quais a falta de frigoríficos especializados para o abate e manejo sanitário ineficiente. Os ovinos consistem em uma espécie com alto grau de sensibilidade às helmintoses gastrointestinais, sendo estas causadoras de grandes perdas econômicas por elevadas taxas de morbidade e mortalidade. As helmintoses gastrointestinais nesta espécie, podem se manifestar de forma clínica ou subclínica, levando à queda da imunidade e favorecendo infecções por outros agentes. Determinar a prevalência de helmintoses gastrointestinais de ovinos no Planalto Catarinense através de exames coproparasitológicos. O Laboratório de Doenças Parasitárias (LaDoPA-UFSC) analisou, de março de 2015 a março de 2017, 144 amostras de fezes de ovinos provenientes do Planalto Catarinense. Estas passaram pelos exames de Baermann, Coprocultura e Sedimentação simples (Hoffman-Pons-Janer). Além dos exames qualitativos, foram realizados exames de contagem de Ovos por Grama de Fezes (Gordon & Withlock), em 143 amostras. Foi realizada a avaliação da coloração das mucosas oculares através do Método Famacha[©] em 101 dos 144 animais (70,13%). Das 144 amostras analisadas, 122 (84,72%) apresentaram positividade para helmintos gastrointestinais. Os gêneros *Haemonchus* spp., *Strongyloides* spp., *Trichostrongylus* spp., *Ostertagia* spp. e *Oesophagostomum* spp. foram os mais prevalentes, correspondendo a 45 (31,25%), 12 (8,33%), 10 (6,94%), 5 (3,47%) e 2 (0,01%) das 144 amostras avaliadas, respectivamente. A média geral do OPG das 143 amostras analisadas foi de 367,8 ovos por grama de fezes. Em relação aos 101 animais avaliados pelo Método Famacha[©] a média geral foi de 3,18. Destes, 76 animais apresentaram grau maior ou igual a 3 (caracterizando anemia), correspondendo a 75,24%. Com os resultados obtidos, conclui-se que as helmintoses gastrointestinais constituem importante obstáculo para a ovinocultura na região do Planalto Catarinense. O uso de técnicas de manejo sanitário adequadas à prevenção e controle das verminoses se torna imprescindível para se prosperar na produção de ovinos nesta região.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



OCORRÊNCIA DE HELMINTOSES GASTRINTESTINAIS EM CÃES NA REGIÃO DE CURITIBANOS, PLANALTO SERRANO CATARINENSE

Bruna Tizoni Guedine^{1*}, Diego Duarte Varela¹, Mayara Vavassori¹, Alexandre Oliveira Tavela¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Rurais, Curitibanos/SC.

*E-mail: brunatizoniguedine@gmail.com

O cão possui importante papel como hospedeiro de diversas parasitoses de potencial zoonótico. Entre as zoonoses parasitárias mais comuns estão a *larva migrans cutanea* e a *larva migrans visceral*, causadas, respectivamente, por larvas de *Ancylostoma* sp. e *Toxocara* sp., vermes citados como os mais prevalentes em cães no Brasil. O objetivo foi determinar a ocorrência de helmintos em cães no Planalto Catarinense através de exames coproparasitológicos. O Laboratório de Doenças Parasitárias (LaDoPA-UFSC) analisou de março de 2015 a maio de 2017, 184 amostras de fezes de cães. Os animais eram oriundos da região de Curitibanos, no Planalto Serrano Catarinense. Os métodos de análise empregados foram os exames de sedimentação simples (Hoffman-Pons-Janer) e flutuação em solução hipersaturada de sal (Willis). Das 184 amostras analisadas, 123 (66,85%) apresentaram positividade para helmintos. Os gêneros *Ancylostoma* sp., *Toxocara* sp., *Trichuris* sp., *Dipylidium* sp., *Strongyloides* sp. e *Spirometra* sp. foram encontrados, correspondendo a 57 (31,15%), 53 (28,96%), 42 (22,95%), 25 (13,66%), 5 (2,73%) e 1 (0,55%) dos exames positivos, respectivamente. Com exceção dos gêneros *Trichuris* sp. e *Spirometra* sp., os demais gêneros tem encontrados tem potencial zoonótico, sendo que a elevada prevalência de verminoses, sobretudo causadas pelos gêneros *Ancylostoma* sp. e *Toxocara* sp., podem indicar risco à saúde pública na região estudada. Conclui-se que as helmintoses gastrintestinais de cães ocorrem em alta prevalência na região de Curitibanos. Devido à patogenicidade e potencial zoonótico desses parasitos, faz-se necessário o tratamento de animais infectados, profilaxia e guarda responsável, com intuito de reduzir a contaminação ambiental, reinfecção dos animais e até mesmo transmissão para os humanos.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



OCORRÊNCIA DE HEMOPARASITOS EM BOVINOS NO PLANALTO CATARINENSE

25

Mayara Vavassori^{1*}; Diego Duarte Varela¹; Bruna Tizoni Guedine¹; Alexandre de Oliveira Tavela¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina – Campus de Curitibanos

*E-mail: mayaravavassori@gmail.com

As hemoparasitoses constituem um problema de grande importância na produção de bovinos, acarretando prejuízos no ganho de peso, produção de leite, infertilidade temporária, custos de tratamento, entre outras injúrias, uma vez que casos graves podem levar à morte dos hospedeiros. Os hemoparasitos podem ser transmitidos durante o repasto sanguíneo de diversas espécies de artrópodes hematófagos, tais quais carrapatos, moscas e mosquitos e podem causar diversas enfermidades, como a Tristeza Parasitária Bovina (TPB), de grande importância para o Planalto Catarinense devido às suas características climáticas. A TPB no Brasil geralmente é causada pela infecção simultânea das espécies *Anaplasma marginale*, *Babesia bovis* ou *B. bigemina*, sendo a sazonalidade da infestação por *R. microplus* um ponto chave da epidemiologia da doença. Relatar a ocorrência de hemoparasitos em bovinos no Planalto Catarinense detectados através do método de esfregaço sanguíneo corado (ESC). O Laboratório de Doença Parasitárias (LaDoPA-UFSC) realiza, desde março de 2015, diversos exames complementares encaminhados por produtores do Planalto Catarinense, dentre eles o esfregaço sanguíneo corado (ESC), o qual é utilizado para o diagnóstico das hemoparasitoses. O ESC é realizado utilizando uma gota com pequeno volume de sangue sobre uma lâmina de vidro e esta é espalhada com o uso de uma lâmina extensora, para que ocorra a separação das células, possibilitando sua visualização. Entre março de 2015 e março de 2017, o LaDoPA-UFSC efetuou o ESC para as 57 amostras de sangue de bovinos encaminhadas ao mesmo. Das 57 amostras analisadas, 52 (91,22%) apresentavam positividade para ao menos um gênero de hemoparasita. A prevalência dos gêneros de hemoparasitos identificados nas amostras positivas analisadas no LaDoPA-UFSC pelo método de ESC foi de 70% de *Anaplasma marginale* e 30% de *Babesia* spp. Além disso, 21 amostras (37,84%) apresentavam o complexo TPB, ou seja, a presença simultânea de ambos os gêneros. Através deste estudo retrospectivo, foi possível identificar uma prevalência elevada de parasitos do complexo da TPB em amostras de sangue de bovinos no Planalto Catarinense. Mais estudos epidemiológicos em relação aos hemoparasitos se fazem necessários na perspectiva da elaboração de estratégias de prevenção e controle mais adequadas.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



OCORRÊNCIA DE PARASITOS GASTRINTESTINAIS DE BOVINOS NO PLANALTO CATARINENSE

26

Diego Duarte Varela^{1*}; Mayara Vavassori¹; Bruna Tizoni Guedine¹; Alexandre de Oliveira Tavela¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina – Campus de Curitibanos

*E-mail: diego.duarte.varela@grad.ufsc.br

As parasitoses gastrintestinais têm papel importante na produção animal, causando prejuízos significativos na produção de leite, carne, piora dos índices reprodutivos, da conversão alimentar, além de anemia e outras injúrias. Objetivou-se verificar a ocorrência de parasitos gastrintestinais de bovinos na região do Planalto Catarinense. O LaDoPA-UFSC recebeu 292 amostras de fezes bovinos de março de 2015 a março de 2017, as quais passaram por um protocolo de análise padronizado de exames coproparasitológicos com Sedimentação simples (Hoffman-Pons-Janer), contagem de Ovos por Grama de Fezes (Gordon & Withlock), Coprocultura, Baermann modificado. Das 273 amostras avaliadas pelo método quantitativo OPG, verificou-se que a média geral foi de 241,1 ovos por grama de fezes, indicando, em média, infecção leve. A amostragem teve valores que variaram de zero até 15.100 OPG. Das 292 amostras avaliadas por métodos qualitativos, 176 (60,27%) demonstraram positividade para alguma espécie de parasito. Nas amostras positivas, verificou-se que os gêneros de parasitos gastrintestinais mais prevalentes foram *Haemonchus* spp. em 106 amostras (60,23%), *Trichostrongylus* sp. em 60 (34,09%), *Cooperia* sp. em 45 (25,57%), *Ostertagia* sp. em 36 (20,45%), *Trichuris* sp. em 32 (18,18%), *Toxocara* sp. em 31 (17,61%), *Oesophagostomum* sp. em 25 (14,20%), *Strongyloides* sp. em 22 (12,50%), *Moniezia* sp. em uma amostra (0,57%) e *Fasciola* sp. em uma amostra (0,57%). A alta prevalência de helmintos gastrointestinais hematófagos como o *Haemonchus* sp. indica correlação com a criação mista ou alternada das espécies bovina e ovina, visto que estes parasitas acometem ambas as espécies de ruminantes, sendo os bovinos menos sensíveis. Conclui-se que os parasitos gastrintestinais ocorrem naturalmente nos rebanhos bovinos amostrados na região do Planalto Catarinense. É de suma importância a realização de inquéritos epidemiológicos com o intuito de melhorar as técnicas de manejo antiparasitário utilizadas e, por consequência, o *status* sanitário dos rebanhos, de forma a diminuir as perdas na produção animal.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



OCORRÊNCIA DE PARASITOS GASTRINTESTINAIS EM EQUINOS NO PLANALTO CATARINENSE

Mayara Vavassori^{1*}; Diego Duarte Varela¹; Bruna Tizoni Guedine¹; Alexandre de Oliveira Tavela¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina – Campus de Curitibanos

*E-mail: mayaravavassori@gmail.com

A fauna parasitária dos equinos é bastante ampla, compreendendo espécies de grupos bem distintos, tais quais os pequenos e grandes strongilídeos, *Parascaris equorum*, *Anoplocephala* spp. entre outros, que podem levar às injúrias que variam desde a obstrução do aparelho digestório até sinais neurológicos. Cada vez mais os proprietários de equinos estão atentos à higidez de seus espécimes, buscando diagnosticar o quanto antes possível as doenças parasitárias, fato que demanda a realização de estudos sobre os principais gêneros que acometem os rebanhos. Determinar a ocorrência de diferentes agentes causadores de doenças parasitárias em equinos na região do Planalto Catarinense através de exames laboratoriais. Entre março de 2015 e março de 2017, o LaDoPA-UFSC recebeu 29 amostras provenientes de equinos da região do Planalto Catarinense, com as quais foram realizados os exames de contagem de Ovos Por Grama de fezes (Gordon & Withlock), Coprocultura, Método de Baermann Modificado e Sedimentação simples (Hoffman-Pons-Janer). Das 29 amostras analisadas, 29 (100%) apresentaram positividade para algum gênero de parasito. Dentre os grupos/gêneros encontrados, destacaram-se os Pequenos Strongilídeos (82,75%), *Trichostrongylus* spp. (24,14%), Grandes Strongilídeos (10,34%), *Oxyuris* spp. (3,45%), Superfamília Strongyloidea (3,45%). Foi observada maior taxa de infecção pela classe dos Strongilídeos, revelando a necessidade de implantação de estratégias de prevenção e controle mais efetivos em relação a estes agentes. Conclui-se que existe ocorrência natural de parasitos gastrintestinais de equinos, com destaque para o grupo dos Strongilídeos no rebanho equino da região do Planalto Catarinense. Estudos epidemiológicos mais abrangentes poderão auxiliar na elaboração de estratégias de prevenção e controle adequadas à realidade da região.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



OCORRÊNCIA DE PROTOZOSES GASTRINTESTINAIS EM CÃES NA REGIÃO DE CURITIBANOS, PLANALTO SERRANO CATARINENSE

Bruna Tizoni Guedine^{1*}, Diego Duarte Varela¹, Mayara Vavassori¹, Alexandre Oliveira Tavela¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Rurais, Curitibanos/SC.

*E-mail: brunatizoniguedine@gmail.com

Infecções por protozoários estão entre as principais causas de doenças gastrointestinais em cães. Devido à imaturidade imunológica, são mais severas em animais jovens. Um dos grupos mais importantes é o dos Coccídeos, composto principalmente pelos gêneros *Eimeria* sp, *Isospora* sp e *Criptosporidium* sp. O objetivo foi determinar a ocorrência de protozoários em cães na região de Curitibanos através de exames coproparasitológicos. O Laboratório de Doenças Parasitárias dos Animais (LaDoPA-UFSC) analisou de março de 2015 a maio de 2017, 184 amostras de fezes de cães. Os animais eram oriundos da região de Curitibanos, no Planalto Serrano Catarinense. Os métodos de análise empregados foram os exames de sedimentação simples (Hoffman-Pons-Janer) e flutuação em solução hipersaturada de sal (Willis). Das 184 amostras analisadas, 23 (12,50%) apresentaram positividade para protozoários gastrintestinais. Os gêneros *Eimeria* sp., *Isospora* sp., *Balantidium* sp. e *Criptosporidium* sp. foram encontrados, correspondendo a 20 (86,96%), 1 (4,35%), 1 (4,35%), 1 (4,35%) dos exames positivos, respectivamente. Os Coccídeos causam lesões nas vilosidades intestinais, levando ao quadro de inflamação do epitélio, conseqüentemente, ocasionando diarreia. Geralmente animais adultos apresentam um quadro assintomático da doença e animais jovens manifestam quadro agudo. Conclui-se que as protozooses gastrintestinais de cães ocorrem naturalmente na região de Curitibanos. Devido à patogenia desses parasitos, mesmo com baixa ocorrência, é fundamental conhecer o ciclo biológico destes protozoários para criar programas de combate e controle.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



29

PREVALÊNCIA DAS INFECÇÕES POR DIARREIA VIRAL BOVINA E RINOTRAQUEÍTE INFECCIOSA BOVINA EM REBANHOS LEITEIROS DO OESTE CATARINENSE

Taciane Serighelli¹; Jéssica L. Cavichioli¹; Réges Chimello²; Sandra Arenhart³

¹Acadêmica do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Curitibanos, SC; ²Cooperativa de trabalho na prestação de serviços agropecuários e ambientais, UNITAGRI, Chapecó, SC. ³Laboratório de Virologia, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Curitibanos, SC;

E-mail: taci.serighelli29@gmail.com

O estado de Santa Catarina vem apresentando uma expansão significativa na produção leiteira ao longo dos últimos anos, principalmente na região Oeste. Muitos agentes infecciosos podem comprometer os índices de produção animal causando problemas reprodutivos, respiratórios, gastrintéricos, além de perdas na produção de leite e de carne. Dois destes agentes são muito importantes: o vírus da diarreia viral bovina (BVDV) e o herpesvírus bovino (BoHV). O presente estudo teve como objetivo estimar a prevalência dos vírus BVDV e BoHV nos rebanhos leiteiros de cooperativas do oeste Catarinense. O presente estudo foi realizado em parceria com a cooperativa Unitagri, que presta assistência técnica à propriedades leiteiras em 32 municípios do oeste Catarinense. A amostragem desse estudo foi obtida utilizando o programa Epi Info™ versão 7.2 (Center for disease control - CDC) considerando uma prevalência de 50% e um intervalo de confiança de 95%, para ambas as enfermidades. Foram colhidas 312 amostras de leite (uma amostra por propriedade) pelos extensionistas a partir dos tanques de conservação (expansão ou imersão), de propriedades que não vacinavam os animais para estas duas enfermidades. No laboratório da virologia da UFSC as amostras foram submetidas ao teste de ELISA para detecção de anticorpos contra BVDV e BoHV, conforme instruções do fabricante (Idexx, EUA). No presente estudo, observamos que 125/312 (40%) das amostras foram positivas para BVDV e 142/312 (45%) das amostras foram positivas para BoHV. Os índices encontrados estão de acordo com o esperado para os rebanhos bovinos brasileiros, porém diferiram do encontrado por Pasqualotto, Schnem e Winck (2015), que também avaliaram rebanhos do oeste Catarinense. Nós encontramos um maior índice para BVDV e um menor índice para BoHV, e possivelmente nossos resultados remetem à uma estimativa mais acurada da prevalência destas enfermidades, pois utilizamos uma amostragem maior e excluímos propriedades que praticavam a vacinação. Quando a prevalência foi analisada por município, encontramos dois municípios com ausência de ambas as infecções, um município com ausência de uma das infecções e os outros 29 municípios com a presença de ambas infecções com o número de propriedades positivas por município variando entre nove e 100%. Esses resultados demonstram a ampla presença destas



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



infecções nas propriedades, e que possivelmente estão relacionadas à falta de práticas preventivas adotadas para compra de animais e à falta de medidas de biossegurança, pois normalmente estes vírus são introduzidos no rebanho após a entrada de um animal positivo. Esses resultados demonstram a circulação de ambos os agentes nas populações bovinas leiteiras da região oeste Catarinense, em níveis moderado a altos. Demonstrando a necessidade do uso de medidas profiláticas e de controle para tais enfermidades, visando reduzir as perdas econômicas associadas.



IV SAVUFSC
07, 08 e 09 de junho de 2017



PRIMEIRO RELATO DE *FELICOLA SUBROSTRATUS* EM UM FELINO NO MUNICÍPIO DE CURITIBANOS, SANTA CATARINA

Rhaona Aparecida Gaest Odorizzi*¹, Ana Paula Remor Sebolt ¹, Guilherme Carvalho Serena ², Marcy Lancia Pereira ², Alexandre de Oliveira Tavela ². ¹ ²Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Curitibanos, Rodovia Ulysses Gaboardi km 3, cep 89520000.

*E-mail: rhaonaodorizzi@gmail.com

Felicola subrostratus (Mallophaga: Trichodectidae) é a espécie de piolho relatado em gatos, possui distribuição cosmopolita e se alimenta de detritos e descamação da pele, causando prurido. As infestações ocorrem em ambientes com aglomeração de animais, pelo contato direto ou por utensílios compartilhados. Um felino macho, sem raça definida, de dois anos de idade foi atendido na Clínica Médica de Pequenos Animais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob queixa de problemas dermatológicos. Foi retirado pelo do animal em três diferentes áreas alopecicas e enviado ao Laboratório de Doenças Parasitárias dos Animais (LaDoPA) da UFSC. A identificação do agente se deu com auxílio de microscopia óptica, bibliografia e chaves morfológicas específicas. Através da morfologia do ectoparasita inferiu-se que se tratava de um piolho pertencente à ordem mallophaga, identificado como *Felicola subrostratus*. Essa foi a primeira vez que se relatou o parasitismo por esta espécie de piolho em gatos no Planalto Catarinense, mas tem relevância em Medicina Veterinária devido ao seu potencial de transmissibilidade entre os animais e por causar prurido, que potencialmente pode gerar lesões e infecções secundárias.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



RELATO DE CASO: PROTOCOLO DE IATF EM VACAS DE CORTE EM PROPRIEDADE NO MUNICÍPIO DE CURITIBANOS

Gabriel Sartor¹ (gabrielsartorgs@hotmail.com) | Amauri Antonio Rigo¹ | Débora Tomazeli¹ | Juliano Teske¹ | Giuliano Moraes Figueiró²

¹ Estudante de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Curitibanos.

² Professor de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Curitibanos

Na atualidade encontra-se em expansão a Inseminação Artificial em Tempo Fixo (IATF), que é um protocolo farmacológico que induz a atividade ovariana para a sincronização da ovulação de matrizes. O proprietário de uma propriedade, na localidade da Lagoinha, município de Curitibanos – SC, a 10 km do centro, com o intuito de melhorar geneticamente seu rebanho e otimizar a mão de obra da propriedade, resolveu implementar o uso da IATF. Tratou-se de 16 vacas com aptidão de corte, com predominância da raça charolesa, com aproximadamente 450 Kg e ECC 3 na escala de 1 a 5. No dia 20 de novembro de 2016, deu-se início ao protocolo de IATF, primeiramente com o diagnóstico de gestação, através de palpação retal e ultrassonografia (US). Foram diagnosticadas 16 vacas vazias e nestas foram aplicadas o protocolo de IATF, utilizando o benzoato de estradiol, dispositivo intravaginal de progesterona, cloprostenol e ECG. As inseminações foram feitas no período da tarde, com sêmen de touro Hereford. No dia 02 de fevereiro de 2017, foi realizado o diagnóstico de gestação por US, onde 5 vacas estavam prenhes e 11 vazias, então se decidiu realizar a ressincronização dessas 11 vacas com o mesmo protocolo já utilizado, exceto o ECG. Uma vaca perdeu o implante, então consideramos apenas 10 vacas para ressincronização. No dia 01 de abril, foi realizado o diagnóstico da gestação através da US, onde estavam 4 vacas prenhes das 10 vacas. O custo para esse protocolo, onde foram calculados: doses de sêmen, bainha para aplicador, implante intravaginal e demais hormônios, foi de R\$ 1259,80. Ao todo do protocolo utilizado, o resultado foi de 9 vacas prenhes das 16 vacas expostas e o custo por prenhez foi de R\$ 139,98. Por tanto, tendo como base a feira realizada no município no mês de Maio/2017, o preço médio do bezerro foi de R\$ 6,87/Kg e o preço esperado pelo proprietário seria de R\$ 7,56/Kg e o peso médio esperado dos animais é de 260 kg. A renda sobre os animais concebidos por IATF seria de R\$ 1.614,60, quando comparados aos concebidos por monta natural. Descontando o custo do protocolo de IATF, restariam R\$ 354,80. Por tanto, o uso da IATF se torna mais viável economicamente a esta propriedade, já que seu custo é R\$ 55,02 por vaca inseminada, menor do que quando se usa um touro. O recente desenvolvimento das técnicas de sincronização de ovulações e IATF oferece uma excelente oportunidade de aumento da lucratividade na propriedade, porque possibilita o investimento em



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



melhoria genética, acompanhado por melhora dos resultados reprodutivos (diminuição do intervalo entre partos e maior número de bezerros nascidos).

33



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



SAZONALIDADE DO FORNECIMENTO ANUAL DE LEITE POR PRODUTORES DE DIFERENTES ESCALAS PRODUTIVAS

Nathalia Saynovich Dutra Silveira¹; Guilherme Koerich²; Regiane Silva Prestes³

¹Zootecnista, UFSC, Florianópolis - SC, graduanda em Medicina Veterinária, UFSC, Curitibaanos - SC.

e-mail: nathaliasaynovich@gmail.com ²Zootecnista, UFSC, Florianópolis, SC. Mestre em Zootecnia,

UEM, Maringá - PR. ³ Graduanda em Medicina Veterinária, UFSC, Curitibaanos - SC.

O volume de leite captado no Brasil pela indústria é variável ao longo do ano em função da sazonalidade da produção. Isso gera instabilidade para a indústria, a qual pode funcionar com ociosidade da capacidade instalada em determinados períodos do ano. O objetivo deste trabalho foi investigar a sazonalidade no fornecimento de leite ao longo do ano por grupos de unidades de produção de leite (UPL) com diferentes escalas de produção. Foram obtidos junto a um laticínio os dados referentes aos volumes de leite fornecidos mensalmente no ano de 2014 por um grupo de 108 UPL localizadas nos municípios de São Bonifácio e São Martinho, Santa Catarina. As UPL foram categorizadas em função do volume total de leite fornecido anualmente e divididas em três grupos compostos por 36 UPL cada: grupo 1 “menor produção” (entre 9,4 e 20,0 mil litros); grupo 2 “produção intermediária” (entre 20,7 mil e 53,3 mil litros); e grupo 3 “maior produção” (entre 58,5 mil e 250,3 mil litros). Para a descrição dos grupos foram calculados a média e o desvio padrão do fornecimento anual de leite por cada grupo. Posteriormente, foram calculadas as somas do volume de leite fornecido por cada grupo em cada mês do ano, seguido pelo cálculo dos coeficientes de variação. O grupo 1 obteve média anual de $15,2 \pm 3,1$ mil litros de leite. O coeficiente de variação para os volumes mensais de leite fornecidos ao longo do ano foi de 23,4% e o volume de leite fornecido no mês de menor produção (maio) foi equivalente a 52,3% do volume fornecido no mês de maior produção (dezembro). O grupo 2 apresentou média de $32,6 \pm 10,4$ mil litros de leite ao ano. O coeficiente de variação entre os meses foi de 17,7%, de forma que o mês menos produtivo (abril) foi equivalente a 60,1% do volume fornecido no mês mais produtivo (janeiro). O grupo 3 contém UPL com fornecimento médio de $103,7 \pm 44,9$ mil litros de leite ao ano. O coeficiente de variação do volume de leite fornecido entre os meses foi de 9,5% e o mês de menor produção (maio) foi equivalente a 79,8% do volume fornecido no mês de maior produção (dezembro). É possível inferir que o grupo 3 apresenta um padrão mais constante de fornecimento de leite ao longo do ano com relação aos grupos 1 e 2. Este fato pode estar associado à maior escala produtiva e disponibilidade de recursos para o investimento na alimentação do rebanho ao longo do ano, como a utilização de silagem de milho e forrageiras de clima temperado. UPL com maior escala produtiva na região estudada apresentam menor sazonalidade



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



na produção e, conseqüentemente, no fornecimento de leite ao laticínio, se comparadas a propriedades com menor escala produtiva.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



TÉCNICA DE LAMINECTOMIA DORSAL NO TRATAMENTO DA SÍNDROME DA CAUDA EQUINA EM UM CÃO – RELATO DE CASO

36

Ana Claudia Bireahls¹, Lorena Monteiro Florenço¹, Camile Peretti¹, Charleston Vieira²

¹Acadêmicos do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus de Curitibanos (e-mail: bireahls.ana@gmail.com) ²Médico Veterinário no Hospital Veterinário Darabas

A síndrome da cauda equina consiste na compressão de raízes nervosas das vértebras de L7 à S3, resultando em um conjunto de sinais neurológicos. Acomete principalmente cães de raças grandes, machos e de meia idade. Sua origem pode ser congênita ou adquirida. Os sinais clínicos mais comuns são dor na região lombossacra, claudicação, paresia ou paralisia dos membros pélvicos, atrofia muscular, cifose e incontinência urinária. O diagnóstico é baseado na história clínica, exame físico neurológico e diagnóstico por imagem. O tratamento pode ser conservativo, com repouso e antiinflamatórios não esteroidais, ou cirúrgico. A técnica cirúrgica mais utilizada é a laminectomia dorsal. O prognóstico é bom para os animais que ainda não perderam a função dos esfíncteres urinário e anal.¹ O objetivo do presente estudo é relatar o caso de um canino com síndrome da cauda equina submetido à técnica cirúrgica de laminectomia dorsal como tratamento. Foi recebido para atendimento clínico em um Hospital Veterinário um canino, macho, da raça Mastiff, 12 anos, apresentando paraparesia, dor na região lombossacra, e cauda caída. Ao exame neurológico observou-se déficit proprioceptivo nos membros pélvicos. O exame radiológico revelou protusão de disco na região de L7, S1. Realizou-se tratamento cirúrgico com a técnica de laminectomia dorsal, removendo os processos espinhosos de L7 e S1 e retirar todo o material que estava comprimindo as fibras da cauda equina com auxílio de uma cureta. O animal se recuperou bem após a cirurgia, e apresentou significativa redução dos sinais clínicos, corroborando com a literatura que descreve que animais que ainda não apresentam disfunção do esfíncter urinário possuem um prognóstico favorável pós cirúrgico². A técnica de laminectomia dorsal se mostrou eficiente como método de tratamento cirúrgico, visto que o animal apresentou significativa melhora após a cirurgia.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



TÉCNICA RECONSTRUTIVA COM A UTILIZAÇÃO DE FLAP CUTÂNEO DA ARTÉRIA EPIGÁSTRICA SUPERFICIAL CAUDAL NO TRATAMENTO CIRÚRGICO DE UM CANINO COM HEMANGIOPERICITOMA NA REGIÃO PERINEAL

Ana Claudia Bireahls¹, Lorena Monteiro Florenço¹, Camile Peretti¹, Luiz Caian Stolf²

¹Acadêmicos do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus de Curitibanos (e-mail: bireahls.ana@gmail.com) ² Professor de Clínica Cirúrgica na Universidade Federal de Santa Catarina

O hemangiopericitoma canino (HPC) é uma neoplasia localmente invasiva e infiltrativa, resultando em margens tumorais fracamente definidas, o que requer uma ampla margem de segurança na excisão cirúrgica desse tipo de neoplasia. Muitas vezes não é possível o fechamento primário da ferida pelo excesso de tensão tecidual, necessitando correção do defeito com técnicas de cirurgias reconstrutivas com a utilização de flaps cutâneos de regiões adjacentes, como por exemplo, da artéria epigástrica superficial caudal. O objetivo do presente estudo é relatar o caso de um canino com hemangiopericitoma na região perineal submetido ao tratamento cirúrgico e utilização de flap cutâneo da artéria epigástrica superficial caudal para correção do defeito. Foi recebido para atendimento clínico em uma Clínica Veterinária um canino, macho, SRD, 9 anos, apresentando uma neoformação na região perineal de dimensões 8 x 8 cm. O exame citológico foi sugestivo de hemangiopericitoma e o histopatológico após a exérese do mesmo foi definitivo para tal neoplasia. O tratamento consistiu na remoção cirúrgica da neoplasia, com 2 cm de margem de segurança. Para o fechamento da ferida fez-se utilização de um flap cutâneo da artéria epigástrica superficial caudal, com colocação de drenos de Pen Rose, seguido de dermorrafia. O animal permaneceu com uma faixa compressiva local durante 4 dias. O animal se recuperou rapidamente, sendo que com 10 dias de pós operatório a sutura apresentava-se cicatrizada. Não houve recidiva, provavelmente devido à margem de segurança ao redor do tecido neoplásico, concordando com alguns autores que citam 1 a 2 cm de margem de segurança como eficiente para evitar recidivas. O domínio de técnicas de cirurgias reconstrutivas permite a excisão de neoplasias com margem de segurança adequadas, diminuindo a ocorrência de recidivas, além de proporcionar uma recuperação rápida.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



TÉTANO EM EQUINO – RELATO DE CASO

38

Lorena Maria Monteiro Florenço¹, Jaciana Luiza Fermo¹, Claudia Helena Bratti da Silva¹, Ana Cláudia Bireahls¹, Marcos da Silva Azevedo², Giuliano Moraes Figueiró².

¹Acadêmicos do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus de Curitibanos. ²Professores – UFSC. (e-mail: lorenamontf@gmail.com).

O tétano é doença toxico infecciosa causada pelo *Clostridium tetani*, que produz toxinas. O *C. tetani* entra no organismo através de ferimentos que levam a condição de anaerobiose, os sinais clínicos tendem a manifestar-se entre uma a três semanas após a infecção. A toxina neurogênica é a tetanospasmina, que inibe a produção glicina, levando assim a espasticidade. O diagnóstico é realizado com base nos sinais clínicos. O objetivo deste trabalho foi relatar um caso de tétano acidental em um equino tratado de forma convencional associado à administração de toxina antitetânica. Foi atendido em maio de 2017, durante a aula de Clínica Médica de Grandes Animais um equino fêmea, SRD, de aproximadamente 8 anos de idade, apresentando protusão da terceira pálpebra, com dificuldade em se alimentar, mas ainda conseguindo apreender o alimento, mastigar e deglutir, rigidez muscular acompanhada de contrações tônicas intermitentes. O diagnóstico clínico foi estabelecido com base nos sinais clínicos, característicos de tétano. Como tratamento foi administrado no primeiro dia 10000UI antitoxina tetânica pela via venosa e 70.000 UI desta no segundo dia e mais 10.000UI a cada 48 horas por mais 6 dias, devido à dificuldade de adquirir o produto e, desde o primeiro dia foi administrada uma associação de penicilina benzatina, procaína e potássica e estreptomicina na dose de 30000 UI/Kg por 7 dias. Após 17 dias do tratamento a paciente já apresentava deambulação satisfatória, com leve diminuição dos sinais de rigidez e dos tremores musculares, mas com intenso prolapso de terceira pálpebra e dificuldade na alimentação. O tratamento utilizado neste caso obteve resultados satisfatórios.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÃO EM BOVINOS: RELATO DE CASO

39

¹Giuliano Moraes Figueiró, ²Marcelo Castilho*, ³Luciano Castilho.

¹ Professor de Clínica de Grandes animais da UFSC Dr. Giuliano Moraes Figueiró. ² Acadêmico Marcelo Castilho de Medicina Veterinária da UFSC. ³ Médico Veterinário da Fazenda Sonho e Realidade Dr. Luciano Castilho.

*E- mail: marcelo-castilho2011@hotmail.com

A transferência de embriões é uma biotécnica baseada na multiplicação de descendente de fêmeas consideradas geneticamente superiores dentro de uma raça. Fundamenta-se na obtenção de embriões de uma fêmea doadora para em seguida transferi-los para fêmeas receptoras, com a finalidade de completar a gestação. Assim a TE se torna uma das técnicas mais econômica e prática aplicada a campo disponível no mercado. Foram realizadas duas transferências de embrião realizadas na Fazenda Sonho e Realidade no município de Água Doce – SC, em um total de 12 doadoras das raças Limousin, Simental, Devon e Hereford, ocorrido nos dias 08 de março de 2017 e 22 de março de 2017 sendo que 5 das 12 doadoras tinham seus embriões congelados, por tanto não foram coletadas nesses dias. A fazenda optou por TE por ser uma biotecnologia que proporciona uma seleção mais precisa de mães de alto valor genético, aumento de descendentes de touros geneticamente superiores e aumento da velocidade do melhoramento genético. A coleta realizada no dia 08 de março de 2017 obteve um resultado total de 23 embriões produzidos por 4 doadoras onde obteve-se um total de 16 prenhez confirmadas com 30 dias de gestação. A coleta realizada no dia 22 de março de 2017 obteve um resultado total de 21 embriões produzidos por 3 doadoras, onde 11 confirmaram prenhez, obtendo uma taxa de 61,36%. Os resultados obtidos com embriões congelados que também foram inovulados no dia 22 de março de 2017, foi de 20 embriões de 5 doadoras que foram transferidos, onde 9 confirmaram prenhez obtendo uma taxa de 45%. Com isso temos um resultado de 64 embriões viáveis produzidos pelas 12 doadoras, onde foram transferidos e obteve-se um resultado de 36 prenhez confirmadas após 30 dias de gestação. Os protocolos ainda poderão ser adequados na sua individualidade a cada doadora, para que se tenha respostas ainda melhores, baseando-se no fato de haver variação individual, ou seja, animais tratados com o mesmo protocolo hormonal, num mesmo ambiente e com a mesma dieta apresentaram resultados diferentes. Os dados obtidos nos mostram, que as devidas etapas para o sucesso da TE foram realizadas com máxima competência de funcionários e técnicos da Fazenda Sonho e Realidade.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



USO DO TESTE CMT NA AVALIAÇÃO DA PREVALÊNCIA DE MASTITE SUBCLÍNICA EM BOVINOS DE PROPRIEDADES LEITEIRAS DOS BAIRROS VÁRZEA E ROLIM DO MUNICÍPIO DE TAQUARITUBA-SP

Edivaldo Dominique Freitas Dognani¹; Nathalia Saynovich Dutra Silveira²

A mastite é uma doença que atinge rebanhos bovinos no mundo todo e traz severos prejuízos para a bovinocultura de leite; seja pela redução na produção, descarte do leite contaminado ou alto custo no tratamento dos animais infectados. A identificação do animal doente e o estudo do manejo dos rebanhos com maiores índices da doença são de suma importância para reduzir perdas, nesta atividade. Dentre as técnicas rotineiramente utilizadas para a detecção de mastite subclínica, temos o California Mastitis Test (CMT), que consiste em um kit que avalia a formação de um gel através da reação das células somáticas (CCS) do leite com o reagente, indicando a presença de mastite subclínica. O estudo foi realizado no ano de 2014 em rebanhos leiteiros dos bairros de Várzea e Rolim do município de Taquarituba-SP, que compõe 7 propriedades. Ao total 127 animais em lactação, de diferentes raças foram submetidos ao teste CMT. A amostragem dos animais em lactação dos rebanhos desconsiderou aqueles animais que já apresentavam sinais clínicos de mastite clínica. Os testes foram realizados antes da ordenha em cada animal, individualmente, sendo desprezados os dois primeiros jatos de leite. A aplicação do teste foi realizada de acordo com as recomendações do fabricante. O resultado foi considerado positivo quando houve a coagulação da amostra, independente do grau de coagulação. Todas as propriedades avaliadas obtiveram animais positivos para CMT. A prevalência de animais positivos entre as propriedades variou de 23% (5 animais positivos de 22 avaliados) à 82% (9 animais positivos de 11 avaliados). A prevalência de animais positivos para CMT entre todos os animais avaliados (127 animais) foi de 58%. Devido correlação do CMT com a mastite subclínica, podemos inferir que os rebanhos estudados possivelmente apresentam alta prevalência de mastite subclínica quando comparadas ao restante do estado de São Paulo que, de acordo com Costa Et al. (2001), apresentou em 2001 índice médio de 17%. Essa variação pode estar relacionada às características de manejo de ordenha, nutricional, sanitário e assistencial dessas propriedades. Todas as propriedades apresentaram animais positivos para CMT, sendo a prevalência de mastite subclínica (avaliada através da utilização do CMT) elevada.



IV SAVUFSC
07, 08 e 09 de junho de 2017



**UTILIDADE DO RETALHO DE AVANÇO PARA RECONSTRUÇÃO DO DEFEITO
CIRÚRGICO EM UM FELINO COM CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS
SUBMETIDO AO TRATAMENTO CIRÚRGICO**

41

Ana Cláudia Bireahls¹, Lorena Monteiro Florenço¹, Camile Peretti¹, Luiz Caian Stolf²

¹Acadêmicos do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus de Curitibanos (e-mail: bireahls.ana@gmail.com) ² Professor de Clínica Cirúrgica na Universidade Federal de Santa Catarina

O Carcinoma de células escamosas é um tumor maligno dos queratinócitos, a neoplasia cutânea de maior prevalência em gatos, relacionada com a exposição à radiação solar e ausência de proteção cutânea por pigmentos, dessa forma, gatos de pelagem branca são os mais acometidos. O diagnóstico é feito pelo exame histopatológico do tecido afetado. A excisão cirúrgica ampla é o tratamento de escolha¹, necessitando muitas vezes de retalhos para o fechamento do defeito. O retalho de avanço consiste em divulsionar a pele adjacente ao local de menos tensão do defeito, soltar e cobri-lo. O objetivo do presente estudo é relatar o caso de um felino com carcinoma de células escamosas submetido ao tratamento cirúrgico com ênfase na utilidade do retalho de avanço para reconstrução do defeito cirúrgico. Um felino, SRD, 9 anos, com histórico de amputação das pinas por carcinoma de células escamosas há dois anos, deu entrada em uma clínica veterinária apresentando uma lesão avermelhada ulcerativa em região supraorbitária direita, de dimensões 2,5 x 2,5, que surgiu há aproximadamente 6 meses. Realizou-se exérese da tumoração com 1 cm de margem de segurança e a técnica de retalho de avanço unipediculado para fechamento do defeito. O animal se recuperou rapidamente após a cirurgia e a técnica de avanço unipediculado se mostrou eficaz para a correção do defeito cirúrgico. Até o presente momento, o animal não apresenta sinais de recidiva, entretanto, faz pouco tempo do procedimento (24 dias da cirurgia), existindo risco de recidiva e a literatura descreve que elas são frequentes a longo prazo. O retalho de avanço unipediculado é uma opção cirúrgica interessante para correções de defeitos de tamanho médio e grande na região supraorbitária, sendo essencial que o cirurgião tenha domínio das técnicas de reconstrução para que seja possível a excisão de neoplasias com margem de segurança.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017



UTILIZAÇÃO DE ENXERTO CORTICOESPONJOSO COMO ADJUVANTE NO TRATAMENTO DE NÃO UNIÃO DE FRATURA TIBIAL EM UM CÃO – RELATO DE CASO

Lorena Maria Monteiro Florenço¹, Ana Cláudia Bireahls¹, Camile Peretti¹, Andreia Hausmann¹, Luiz Caian Stolf².

¹Acadêmicos do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus de Curitibanos. ²Professor – UFSC. (e-mail: lorenamontf@gmail.com).

O enxerto ósseo é muito utilizado na ortopedia, devido a sua capacidade de estimular a cicatrização da fratura pelas suas propriedades osteogênica, osteoindutivas e sua rápida incorporação no local receptor. A não união de uma fratura caracteriza-se pela estagnação da reparação, ou seja, não apresenta progresso em sequência de radiografias. O propósito em um tratamento de casos de não união de fraturas é o retorno da atividade funcional do membro afetado. O objetivo deste estudo é relatar o uso de enxerto ósseo corticoesponjoso no tratamento de uma não unia da tíbia. Foi atendido em abril de 2016 em uma clínica veterinária um canino, fêmea, da raça Pinscher, de 4 anos de idade, apresentando fratura completa oblíqua curta da tíbia esquerda desde junho de 2015. A paciente já havia sido submetida a dois procedimentos cirúrgicos para reparação da fratura, que obtiveram insucessos. Radiografias pré-operatórias constataram a utilização de placa e parafusos inadequados para o caso e não união da tíbia esquerda. Em um primeiro momento foram retirados todos os implantes e foi realizada a prescrição de amoxicilina e clavulanato duas vezes ao dia (BID), durante 15 dias para controle da infecção local. Após os 15 dias, foram realizadas novas radiografias para medições e planejamento da intervenção cirúrgica. A técnica cirúrgica consistiu na utilização de placa bloqueada 1.5mm com 11 furos e a colocação de 4 parafusos de 1.5mm bloqueados, com função de ponte. Foi realizado o debridamento das bordas ósseas e foi disposto o enxerto corticoesponjoso retirado do osso ílio ipsilateral. Após 20 dias do procedimento a paciente já apresentava apoio de membro o que não ocorria desde a primeira intervenção em 2015 e aos 90 dias pós-cirúrgico foi realizada radiografia controle a qual demonstrou formação de calo ósseo inicial. Neste momento o paciente apresentava deambulação satisfatória, sem sinais de claudicação. Animais pequenos podem apresentar dificuldade na consolidação por apresentarem pouca vascularização óssea, esse déficit de aporte vascular faz com que a recuperação seja mais complicada e demorada geralmente associado a uma inadequada técnica de estabilização. A falha na estabilização da fratura com o baixo aporte vascular do local culminou com a não união. A utilização do enxerto ósseo diminuiu o tempo de reparo pós-cirúrgico. A escolha da técnica ideal e a experiência do cirurgião são fundamentais e proporcionam o retorno mais rápido da atividade funcional do membro afetado.



IV SAVUFSC 07, 08 e 09 de junho de 2017

